

O sonho de Luciano era uma praça

► Morador da Brás há 24 anos, ele viu o desejo de uma área de lazer se realizar

ALINE BOFF
MARIANA DE BORBA

Que criança não sonha em ter uma praça? Com Luciano Machado, este sonho demorou 22 anos para se concretizar. Vindo de Sapiranga, chegou na Vila Brás aos sete anos. Naquela época, Luciano brincava no mato. A turma se reunia para jogar bola nos terrenos baldios da vizinhança ou no meio da rua de chão batido, onde nem ao menos passava ônibus.

Duas décadas depois, Luciano voltou a ser criança. Isso aconteceu no dia da inauguração da Praça da Paz, construída na Vila há dois anos. “Meu sonho se realizou para a minha filha Camila, que na época tinha a mesma

idade que eu quando cheguei aqui”, lembra. Emocionado, ele viu a construção com os olhos do garotinho que sonhara com uma simples praça.

A felicidade naquele dia foi tanta para Luciano e Camila que os dois pulavam de um brinquedo para o outro. Quando subiu na barra de apoio, a menina escorregou e acabou com um braço quebrado. “Nossa história é tão parecida que, coincidentemente, eu também quebrei o braço uma vez. Foi na inauguração da Escola João Goulart”, conta o pai coruja.

Mas além do sorriso das crianças, a Praça da Paz trouxe uma preocupação aos moradores: os visitantes noturnos. O sonho de



O espaço ainda não é o ideal, mas ajuda a família a se divertir

todos era um local onde pudessem deixar os pequenos livres. “A droga é demais. Os marginais se escondem na cancha de bocha. Há pouco tempo tinha até um colchão velho lá dentro”, comenta a dona de casa Ivone Catarina Oliveira, 49, que tem uma

filha de 9 anos.

Para o mecânico de bicicletas Olivio Rodrigues Correia, 39, a solução seria colocar um segurança para cuidar do local. “Costumo levar meus sobrinhos para brincar, mas dependendo do horário é impossível”,

argumenta.

Apesar dos problemas, a praça continua levando sorrisos à família Machado. Ainda hoje Luciano acompanha Camila para brincar, junto com o mais jovem membro da família: Pedro, 2.

Rio de Janeiro? Melhor a Brás

AURYANE BORGES
PATRICIA GASTMANN

Com sotaque ainda carregado, melhor estilo “cariocês”, o representante comercial Faris Akkan, 35 anos, há oito trocou o cartão postal do Brasil pelo aconchego da Vila Brás. Ele diz que no Rio de Janeiro existe um clima de estresse, apesar de toda beleza natural. É engarrafamento quilométrico e assaltos por todos os lados. Lá, a população vive insegura. Essa é a maior diferença entre os dois lugares. “Nunca presen-

ciei assalto ou agressão na Brás”, conta ele.

Quem pensa como ele é a companheira, Luciane de Moraes, 32, vendedora, grávida do segundo filho do casal. No início do relacionamento, Luciane, nascida na Vila Brás, teve de ir morar no bairro da Tijuca acompanhando Faris. Mesmo com todos os encantos da “cidade maravilhosa”, nada superava a saudade que sentia da família. Faris não pensou duas vezes em mudar de endereço. Isso porque, segundo ele, aqui é melhor para trabalhar. Além disso,

a Vila Brás tem boa localização, é próxima do Centro. Porém, o que realmente faz a diferença é o convívio inigualável com a vizinhança: “Aqui eu me sinto bem, pois conheço todo mundo”, diz o carioca.

Voltar ao Rio de Janeiro? Pode ser, mas a passeio. “Pretendemos criar nossos filhos aqui”. Enquanto isso, a serelepe de olhos azuis, Aila Akkan, 8, entre uma brincadeira e outra com os coleguinhas da escola João Goulart, aguarda ansiosamente a chegada do irmãozinho ou irmãzinha.

Inclusão digital na Vila

MANUELA QUADROS

A multiplicação das lan houses – locais onde as pessoas pagam para usar um computador com acesso à internet – é visível na Brás. São três os principais locais que têm esse serviço. O mais conhecido deles sendo a Vídeo Blue-Mix.

Jorge Soares, 42 anos, é dono há 12 da Mix, especializado em CDs, DVDs e games. O estabelecimento, inaugurado em janeiro, possui quatro computadores completos e deve ganhar mais dois em breve.

O público que frequenta é diverso. “A garotada utiliza para pesquisa e trabalhos escolares pela manhã, Orkut à tarde e MSN à noite”, diz Soares. E é justamente essa garotada quem dá credibilidade a seu trabalho. Seu Jorge tem fama de disciplinador, impondo limites e proibindo acesso a conteúdo pornográfico para menores de 18 anos. “Quando eu vejo alguma atividade suspeita eu advirto verbalmente; se não funcionar, vou até ele e converso. Se não houver resposta, desligo o computador.”

serviço

NATACHA SOUZA

Quer ganhar um dinheiro extra?

Algumas coisas que você costuma jogar fora podem ser recicladas, e virar uma nova fonte de renda. Jornais e revistas velhos podem

se transformar em objetos ou móveis de vime. Decorar vidros de café para colocar doces ou usar o lacre de latinhas de refrigerante e fuxicos

para fazer roupas e acessórios. Tudo isso são formas de ganhar um dinheiro extra. Na hora de vender, basta reservar um espaço na feira de artesanaria

to que ocorre uma vez por semana (sem dia fixo) na esquina da Rua 20. É só ligar para o responsável pela feira, Diomar: 35726233.